

Elizete Silva Passos

Mulheres Moralmente fortes: o ideal perseguido pelo Instituto Feminino da Bahia 1945/1955

Este estudo tem por objetivo analisar os valores morais que foram passados na formação feminina, através da escota, na Bahia, na década de 50. É um trabalho que se insere no campo da História das Mentalidades, pois consideramos o Instituto Feminino da Bahia como um microcosmo que re-flete os valores da sociedade baiana não apenas daquele momento como de uma tradição mais longínqua. Por outro lado, metodologicamente, além de trabalharmos com fontes comuns utilizadas por todo pesquisador da História como atas, agendas, jornais e livros, trabalhamos também com elementos pouco considerados pela História tradicional: símbolos, gestos e rituais.

A escolha recaiu sobre o Instituto Feminino da Bahia por ter sido uma escola de grande significado na cidade de Salvador, responsável pela formação de jovens da classe média-alta, com reconhecimento local e nacional, e um grande trânsito junto aos poderes constituídos.

O Instituto Feminino da Bahia foi uma obra social católica, fundada em 5 de outubro de 1923, por iniciativa do Monsenhor Flaviano Osório Pimenta e da senhora Henriqueta Martins Catharino.

Surgiu como uma "**obra de proteção à moça que trabalha**", congregando cursos de datilografia, estenografia e agência de empregos e, mais tarde, os cursos Técnicos em Contabilidade, Ginásial e outros.

Tinha como principais objetivos dar às suas alunas uma formação moral e religiosa forte, ao lado de uma preparação profissional, conforme indica o artigo 2º do seu Regimento:

O Instituto tem por finalidade precípua desenvolver a ação social Católica em qualquer das suas modalidades, para auxiliar a jovem que deseja realizar o ideal cristão de mulher moralmente forte, bem como; facilitar o aperfeiçoamento nos conhecimentos científicos, literários, artísticos e assim preparar-se para buscar, pelo trabalho, os meios de sua subsistência.

A primeira parte desses objetivos -desenvolver a ação social católica -torna-se mais configurada no artigo 4º do referido Regimento:

O Instituto prestará absoluta adesão a Santa Fé e ao Exmº e Reverendíssimo Prelado Arquidiocesano.

Essa adesão à orientação católica não era marca

exclusiva do Instituto Feminino, e sim de todas as instituições educacionais católicas da época. Havia, entre elas, o entendimento de que a igreja tinha o direito de dirigir e guiar os seus fiéis, tanto no plano das idéias, quanto no das ações.

No campo da ação educativa, o papel da igreja tomava-se imprescindível, pois entendiam que a ela competia esclarecer as consciências e ajudá-las a fazer as melhores escolhas. Assim, os católicos defendiam uma educação integral, onde os indivíduos pudessem ser considerados na sua totalidade e reagiam ao ensino público por entender que ele não cumpria essa função; tal como escreveu D. Carlos Gouveia Coelho, na Revista Síntese:

A educação dada pelo Estado neutro, porém, ignora a Deus. É claro pois que essa não é a educação a que os católicos têm direito e que lhes cabe, irrecusavelmente, exigir outro tipo de educação para seus filhos¹.

A tendência católica nos anos 50 era forte, e o Instituto Feminino foi um baluarte dessa fé e buscou cumprir essa 72 orientação com fidelidade.

As atividades do Instituto eram prece-didas e encerradas por preces; seus cursos possuíam uma forte orientação religiosa e a religião compunha os seus currículos, como determinava o seu Regimento Interno: "*...haverá aula de religião semanalmente, em todos os cursos, salvo dispensa a critério da Diretoria*". As dispensas, na prática, não aconteciam porque quase todas as alunas vinham de famílias que professavam o culto católico. Das catorze ex-alunas entrevistadas, apenas duas disseram ser de outra religião; mesmo assim, não se opunham ao ritual católico e o praticavam de bom grado.

A prática religiosa era intensa dentro do Instituto, incluindo os retiros espirituais para as alunas, comemorações de datas do Calendário Católico, cursos complementares da formação feminina, dentre outros, com o intuito de propagar **a Doutrina**

O Instituto Feminino da Bahia, entretanto, não se limitava às experiências internas e promovia atividades extensi-vas à sociedade como um todo. Fazia-se representado em missas e cortejos fú-nebres, orientava a criação de cursos de formação religiosa em cadeias e escolas públicas, promovia primeiras eucaristias, etc. Do mesmo modo, colocava suas dependências a serviço de movimentos religiosos e fazia doações para igrejas pobres, pois acreditava com isso poder cumprir o lema da sua missão: *Tudo fazer para a maior glória de Deus.*

Esse compromisso marcava, também, a formação educacional por ele ministrada. Formar mulheres "**moralmente fortes**" e profissionais capazes de se automanterem fazia parte dos seus objetivos explícitos. Todavia, só a primeira parte dessa meta foi exemplarmente cumprida, não se podendo dizer o mesmo da segunda, isso porque o Instituto se preocupava com a profissionalização, mas trabalhava com mulheres da classe média-alta, que não precisava lutar para viver e, por outro lado,

representavam, de forma mais arraigada, o conservadorismo da sociedade baiana daquele período. Igualmente, os seus principais cursos - o Técnico em Contabilidade e o Ginásial - não davam conta desse objetivo. Suas grades curriculares denunciavam uma grande ênfase ao ensino de línguas estrangeiras e à formação doméstica em detrimento de uma formação técnica mais aprofundada e crítica.

Não só os currículos negam a realização dessa formação profissional proposta. Os discursos ali proferidos por dirigentes, professores e alunas, bem como a literatura indicada e consumida, comprovam que os trabalhos centravam-se na formação moral, sob a égide da Doutrina Católica.

No que se refere aos discursos, até aqueles considerados mais avançados, demonstram essa tendência, como indica o discurso proferido, na aula inaugural do ano letivo de 1947, por uma professora:

...minhas jovens alunas, sede sabiamente modernas, sede do vosso tempo... contanto que saibas prezar acima de tudo o senso Cristão da vida... igualmente a cultura moral, que vos dê o equilíbrio preciso, nessa transição tão brusca de mulher de ontem para mulher de hoje... Essa mudança pode ser um desastre como pode ser uma salvação. Um desastre, se representar o abandono do lar e o esquecimento do recato, do gosto artístico da função educativa espi-ritual que, por excelência, cabem à natureza feminina. Mas poderá, por outro lado, ser uma salvação, se representar como deve, a quebra da tradição absurda de uma vida vazia, em que a mulher saía pouco e sonhava muito.

Há, na fala da professora, uma expectativa de emancipação da mulher, de uma vida útil e produtiva fora de casa. Como ela mesma afirmava, o sonho não bastava, era preciso torná-lo realidade. Contudo, apesar desta posição ser, inequivocadamente avançada, ela continuava retrógrada com relação aos padrões comportamentais fígados ao sexo feminino, como por exemplo, no que se refere aos tradicionais papéis femininos de mãe e esposa.

Esse mesmo entendimento era exteriorizado pelas alunas do Instituto, como demonstra o discurso proferido por uma aluna da 4ª série ginásial, no encerramento do ano letivo de 1954.

...para frente, pois, minhas queridas colegas. Não nos acomodemos ao muito que já aprendemos nesta casa. Continuemos a nossa luta por aprender cada vez mais, sempre mais, como aqui, inspiradas no amor puro e imaculado da Virgem Santíssima e haveremos de cumprir, adiante, estou certa, os nossos deveres de futuras mães brasileiras.

Esse é outro discurso que parecia acenar com uma nova postura para o sexo feminino, ao conclamaras companheiras a buscarem novos conhecimentos, a não se acomodarem; porém, no fundo, demonstra que não houve nenhum avanço a nível do entendimento do lugar e das possibilidades femininas. A aluna acabou pregando a resignação, o

comodismo e a aceitação dos antigos espaços e papéis adjudicados às mulheres.

O material didático utilizado na escola e as leituras sugeridas serviam também ao mesmo fim. Possuidor de uma biblioteca bem equipada, o Instituto criava condições para facilitar a leitura de certos livros e evitava de outros. Desse modo, tanto os livros de formação quanto os romances indicados traziam subjacentes elementos que respondiam à sua verdadeira intenção. Assim, as questões relacionadas ao amor, ao casamento, à fidelidade, aos papéis femininos e tantas outras estavam presentes, explícita ou implicitamente, sempre numa determinada ótica.

O amor era valorizado pelo seu lado espiritual e como um sentimento que exigia renúncia e sofrimento; como se para possuí-lo, os indivíduos tivessem que pagar um preço. Era, sem dúvida, a marca da moral cristã cultivada no Instituto Feminino. A sabedoria consistia em saber viver o sofrimento com resignação e, neste particular, a mulher era mais sábia. Como indica o livro *Do Amor ao Casamento*: "***Há mães que sabem transformar o sofrimento em felicidade. Deus as têm em conta de tão puras, tão fortes e tão dignas, que abrasa a sua alma com sofrimento, de forma que já na terra ostentam algo sobrenatural***"². Esta é uma superioridade ilusória e que serve apenas para mascarar a realidade social, que a desconsidera no plano da vida real.

Essa suposta tendência da mulher para o sofrimento foi justificada por Dona Maroquinha Rabello, no livro ***Cartas as Moças***, com o seguinte argumento: "...a ***mulher deve ceder mais, porque sabe mais amar...***"³

Desse modo, algumas concessões que eram feitas naturalmente aos homens soavam estarrecedoras se fossem praticadas pelas mulheres:

-contrariando ao *egoísmo masculino, o egoísmo feminino é uma anomalia particularmente antipática. Feitas para amare para dar, a mulher "normal", aquela que nada deformou, e que espontaneamente se abandona à inclinação da sua natureza, procura instintivamente reaver na vida, no matrimônio, na obra de caridade o papel de amor e de dedicação em que sua natureza acha o alimento que lhe é próprio*⁴. A orientação dada é que a mulher havia nascido para servir, para facilitar a realização dos outros, especialmente, do marido e dos filhos. Sendo esta a sua missão natural: "***Não é uma discriminação para a mulher viver em função dos outros, ou mais simplesmente, para os outros. A razão bem simples é que ela realiza assim o seu destino***"⁵. Como se vê, era comum tentar naturalizar situações históricas e culturais. O fato de a mulher abrir mão dos seus projetos e de si mesma em benefício dos outros não é uma situação natural, e sim socialmente construída, a partir dos interesses e das necessidades do momento.

O mesmo tipo de inversão é utilizado para manter a mulher atrelada à casa e sem possibilidades de sonhar com uma vida profissional fora dela, conforme faz o

livro Coisas da Vida:

*"A mulher deve ser rainha do lar, esposa amantíssima e dedicada, resistindo serena e firme a todos os vendavais... mãe esforçada em desvelar, impondo-se em rasgos heróicos, moendo-se em már-tir da dor, junto ao berço dos filhos"*⁶. Do mesmo modo, o livro Palavras à minha Filha reforça a importância do papel feminino no seio da família: "-. *sejam quais forem as formas de ativi-dades e as possibilidades de influência da mulher fora do lar, é evidente que a forma ideal e mais sublime da dedicação para o coração feminino é o dom da vida em matrimônio e na maternidade...*"⁷.

Como vemos, em todos os livros, a orientação dada demonstrava que o lugar da mulher era no lar, e sua principal função consistia em ser esposa e mãe. Para isso, ela precisava ser dócil, serena e companheira, entre outros requisitos. Devia ser obediente aos pais e aos maridos, auxiliando-os, sem com eles competir.

Os discursos proferidos, a literatura indicada, bem como o ritual pedagógico traziam, também, uma série de orientações de conduta que ensinavam à mulher a ser moderada nos gestos, na fala, na maneira de vestir; a ser recatada durante o namoro, o noivado e o casamento.

Assim, no desejo de promover uma educação integral, onde o indivíduo fosse considerado em todos os seus aspectos, o Instituto Feminino da Bahia promoveu uma educação comprometida com um aspecto do homem: o moral religioso. O que nos leva a entender que nem mesmo uma escota considerada de vanguarda nas questões femininas conseguiu fugir dos valores retrógrados da sociedade baiana, valores que, com certeza, não surgiram das idéias de mudança dos anos 50, e sim de uma tradição bem mais remota e anterior à sua vigência, mas que continuavam sendo atuais, naquele momento.

NOTAS

1 Igreja e Educação,

Revista Síntese, n°5, p.

18. 2 WIRTZ Hans, p.99.

3 Cartas as moças, p.157.

4 MONTAL-Mônica Lavallet Palavras à minha filha, p. 37.

5 Idem, p.38.

6 Mãe Cristã. Coisas da Vida, p.119.

7 MONTAL-Mônica Lavallet op. cit.; p.45.